



DISCURSOS DE JAIR BOLSONARO DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19 E SUA RELAÇÃO COM A DESINFORMAÇÃO: UM OLHAR PELA ANÁLISE DE DISCURSO

Fernando Cruz Lopes

Universidade Estadual Paulista (UNESP)
lopes.fred@gmail.com

Tânia Regina de Brito

Universidade Estadual Paulista (UNESP)
taniacgms@gmail.com

Beatriz Andreotti dos Santos

Universidade Estadual Paulista (UNESP)
beatriz.andreotti@unesp.br

Resumo: O artigo discute as declarações de Jair Bolsonaro durante o primeiro ano de pandemia da Covid-19, causada pelo vírus Sars-Cov-2. Com o início da contaminação em massa na China no final de 2019, tendo seu primeiro caso registrado no Brasil em março de 2020, a Covid-19 causou muita dúvida na população mundial por falta de informação na forma de contágio, prevenção e tratamento. Tendo a desinformação e a fake news como uma arma política, Jair Bolsonaro fez declarações em veículos oficiais e extraoficiais utilizando de recursos anticientíficos e mentirosos, passando por preconceitos e religiosidade para convencer as pessoas a não acreditarem na potência do vírus. O artigo tem por objetivo relacionar a alta quantidade de mortes no Brasil com o discurso de Jair Bolsonaro. Entendendo que a desinformação constrói uma narrativa de abusos e descuidos perante a doença, aumentando a letalidade. A metodologia utilizada foi a Análise de Discurso, com o viés de análise qualitativa do discurso de Bolsonaro. As falas foram retiradas dos principais veículos de imprensa, com checagem no site *Aos Fatos*. Foram um total de 98 trechos de discursos como corpus de análise, discursos esses que foram proferidos ao longo de janeiro a dezembro de 2020. A análise desse corpus foi realizada utilizando categorias de discurso. Foi possível relacionar essas categorias com práticas políticas que são anticientíficas e que promovem desinformação como parte do controle social.

Palavras-Chave: Análise de Discurso; Jair Bolsonaro; Pandemia; Covid-19; Desinformação.

JAIR BOLSONARO'S STATEMENTS DURING THE COVID-19 PANDEMIC AND ITS RELATIONSHIP WITH DISINFORMATION: A LOOK FROM DISCOURSE ANALYSIS

Abstract: The article discusses Jair Bolsonaro's statements during the first year of the Covid-19 pandemic, caused by the Sars-Cov-2 virus. With the beginning of mass contamination in China at the end of 2019, and its first case registered in Brazil in March 2020, Covid-19 caused a lot of doubt worldwide due to lack of information regarding the form of contagion, prevention and treatment. Having disinformation and fake news as a political weapon, Jair Bolsonaro made statements in official and unofficial vehicles using anti-scientific and lying resources, going through prejudice and religiosity to convince people not to believe in the power of the virus. The article aims to relate the high number of deaths in Brazil with Jair Bolsonaro's discourse, understanding that disinformation builds a narrative of abuse and carelessness in the face of the

disease, increasing lethality. The used methodology was Discourse Analysis, with the bias of qualitative analysis of Bolsonaro's discourse. The lines were taken from the mainstream vehicles, checked on the *Aos Fatos* website. There was a total of 98 excerpts of speeches as a corpus of analysis, speeches that were given from January to December 2020. The analysis of this *corpus* was carried out using speech categories. It was possible to relate these categories to political practices that are unscientific and that promote disinformation as part of social control.

Keywords: Discourse Analysis; Jair Bolsonaro; Pandemic; Covid-19; Desinformation.

LOS DISCURSOS DE JAIR BOLSONARO DURANTE LA PANDEMIA DE COVID-19 Y SU RELACIÓN CON LA DESINFORMACIÓN: UNA MIRADA A TRAVÉS DEL ANÁLISIS DEL DISCURSO

Resumen: El artículo analiza las declaraciones de Jair Bolsonaro durante el primer año de pandemia de Covid-19, causada por el virus Sars-Cov-2. Debido al inicio del contagio masivo en China a finales de 2019 y al primer caso registrado en Brasil en marzo de 2020, la Covid-19 causó muchas dudas en la población mundial por falta de información sobre la forma de contagio, prevención y tratamiento. Con la desinformación y las fake news como arma política, Jair Bolsonaro hizo declaraciones en vehículos oficiales y extraoficiales utilizando recursos anticientíficos y mentirosos, basándose en prejuicios y en la religiosidad para convencer a las personas de no creer en la potencia del virus. El artículo pretende relacionar el alto número de muertes en Brasil con el discurso de Jair Bolsonaro. La desinformación construye una narrativa de abuso y descuido frente a la enfermedad y aumenta la letalidad. La metodología utilizada fue el Análisis del Discurso, con el sesgo del análisis cualitativo del discurso de Bolsonaro. Los discursos fueron tomados de los principales vehículos de prensa, consultados en el sitio web *Aos Fatos*. Como análisis de corpus se utilizaron un total de 98 extractos de discursos, pronunciados entre enero y diciembre de 2020. Dicho análisis se llevó a cabo mediante categorías de discurso. Fue posible relacionar estas categorías con prácticas políticas anticientíficas que promueven la desinformación como parte del control social.

Palabras clave: Análisis del discurso; Jair Bolsonaro; Pandemia; COVID-19; Desinformación.

1 INTRODUÇÃO

No final do ano de 2019, o mundo se deparou com a descoberta de uma mutação do vírus Coronavírus, que ganhou o nome de novo Coronavírus ou Coronavírus 2, vírus causador da Síndrome Respiratória Aguda Grave (Sars-Cov-2), dessa forma, causando a Doença do Coronavírus de 2019 (COVID-19, sigla em inglês para o nome da doença) (OMS, 2022).

Os primeiros casos foram registrados na China e, mais rápido do que se esperava, detectados em vários países. O primeiro paciente no Brasil foi registrado em 26 de fevereiro de 2020, em um homem de 61 anos com registro de viagem para a Itália, um dos principais epicentros da doença até então (BRASIL, 2020a).

Em 30 de janeiro de 2020, o surto de COVID-19 é anunciado como uma emergência de saúde pública de importância internacional. Em 11 de março, pouco mais de 15 dias após o primeiro caso no Brasil, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declara a contaminação pelo novo Coronavírus, uma pandemia mundial conforme previsto no Regulamento Sanitário Internacional (OPAS, 2022).

Desde o início da descoberta da doença, o governo brasileiro tem se colocado em polêmicas, ora por não querer resgatar os brasileiros que se encontravam em Wuhan (BBC NEWS, 2020a), cidade do paciente zero, ora por minimizar a doença, enquanto milhares de brasileiros estavam prestes a morrer.

Na condução da crise sanitária, desde o início da pandemia, percebe-se que o Governo Federal do Brasil não tem o entendimento da dualidade do público/privado, deixando questões de saúde pública serem organizadas por ideologias pessoais do Presidente da República. Ressalta-se que, desde o início do atual mandato à Presidência da República (2019), questões como *fake news*, pós-verdade, desinformação e desmediatização são o cerne da política bolsonarista, sendo tal situação claramente agravada durante a pandemia.

Cabe salientar que na chamada política bolsonarista, há a presença de uma visão dualista de relações intergovernamentais, com um menor apoio da União a governos subnacionais (estados e prefeituras), mas com uma postura centralizadora e hierárquica nas questões de impacto nacional, também chamado de federalismo bolsonarista, marcado por uma lógica federativa compartimentalizada, autocrática e confrontadora de “[...] luta constante contra adversários reais ou imaginados. Mobiliza a lógica de guerra para atizar seu eleitorado e marcar posição antissistema. Os maiores inimigos são as instituições e suas lideranças [...] (ABRUCIO *et al.*, 2020, p. 669). Assim, constitui-se em uma composição de forças de dimensões políticas, econômicas, religiosas e midiáticas, que agora encontrou na figura de Bolsonaro a intenção de trazer à cena, o histórico “[...] projeto-piloto de um Brasil sob uma política de cunho fascista, neoliberal, armamentista, militarista, enfim, a qual agora chamamos bolsonarista [...]” (SILVA, 2020, p. 1175).

Sendo assim, o artigo analisa algumas declarações de Jair Bolsonaro (JB) no primeiro ano da pandemia da COVID-19, em 2020, para compreender como a construção de uma narrativa anticientífica e de ódio se relaciona com a grande quantidade de mortos no país. Embora haja compreensão dos autores de que existam fontes de análise documental fazendo uma conexão possível entre o discurso, ações e não ações do governo federal com a banalização e minimização da pandemia, sobretudo perante o seu eleitorado, afirma-se que, pela natureza do trabalho ora apresentado, não consta do escopo tal análise, pois não há pretensão em se esgotar tal abordagem. Assim, limitando-nos nos discursos do Jair Bolsonaro, o artigo tem por objetivo, relacionar a alta quantidade de mortes no Brasil com o discurso de Jair Bolsonaro.

Para tanto, o artigo está construído com base nas veiculações midiáticas das declarações do presidente do Brasil (2019 - atual), realizadas no período compreendido entre 26 de janeiro a 31 de dezembro de 2020. Utiliza do escopo da Análise de Discurso (AD) para compreender como essas falas estão apoiadas em questões abordadas pela Ciência da Informação (CI).

2 DESENVOLVIMENTO

Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, documental e descritiva, em que se propõe como método adequado para alcançar o objetivo proposto, a Análise de Discurso, pois permite uma compreensão dos objetos informacionais em análise.

O estudo toma como base os discursos e falas do Presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, o sujeito do discurso, reproduzidos pela imprensa, especificamente Jornal Folha de São Paulo, Revista Veja, Site Aos Fatos e Yahoo Notícias, compreendendo assim a construção da narrativa do Chefe do Executivo em momento inicial da pandemia no Brasil, até dezembro de 2020. Assim, o corpus de arquivo compõe-se das falas do presidente, pronunciadas em discursos oficiais, entrevistas concedidas ou *lives*, e reproduzidas textualmente na internet, evidenciando-se uma dimensão de negacionismo advinda de postura de minimização em relação à gravidade da pandemia.

Para verificação das informações contidas nos discursos de Bolsonaro utilizou-se o site de checagem *Aos Fatos*, bem como a própria análise dos pesquisadores, mediante coleta e verificação das falas do presidente ao longo de 2020, acerca da pandemia.

Para a análise de discurso tomou-se como referência Orlandi (2015) que trabalha com tipologias como uma forma de entender a discursividade, e que neste trabalho denominamos dimensões de análise, descritas no capítulo 4, nas discussões desta pesquisa.

De acordo com Orlandi (2006, *on-line*), a linguagem tem a sua materialidade, alterando e regulando as relações humanas: “E a análise de discurso é a teoria que sabe trabalhar isto ligando língua/sujeito/história, trazendo para a reflexão a ideologia, relacionando-a com o gesto de interpretação.” Assim, os pesquisadores analistas não trazem verdades, mas constroem hipóteses baseadas em pistas fornecidas no discurso do presidente Jair Bolsonaro, em um contexto de pandemia. A análise, portanto, é do discurso, e não um julgamento do sujeito (ORLANDI, 2015).

A partir da checagem diária da fala do sujeito do discurso, nas fontes anteriormente citadas, em temas relacionados à pandemia, o interdiscurso - que é a associação entre as

palavras e os sentidos que elas ativam na memória - é proposto, após reuniões semanais entre os pesquisadores-analistas, de onde advém as dimensões de análise.

Para a construção do referencial teórico foram consultados livros, bem como artigos disponíveis no Google Acadêmico, a partir de buscas de termos como: análise de discurso, *fake news*, pós-verdade e mediatização.

2.1 Análise de Discurso

Para Silva e Baptista (2015), a Análise de Discurso abarca uma abrangente maneira ou formas de estudos realizados sob a perspectiva da linguística e de outras áreas das ciências humanas e sociais, em que a linguagem é compreendida a partir do funcionamento social da língua. A discursividade observada é feita a partir da combinação de uma leitura social e histórica, ou seja, uma análise contextual ajustada à estrutura linguística.

A Análise de Discurso não trabalha com algo (língua) abstrato, mas na potencialidade das transformações sociais (ORLANDI, 2015), o que nesta pesquisa refletiu-se como o discurso de um presidente pode contribuir na aceleração ou desaceleração dos efeitos ocasionados por uma pandemia de COVID-19, doença silenciosa, altamente contagiosa, e potencialmente mortal, e que segundo a Reuters (2022), até 1º de março de 2022 matou 6.322.000 pessoas, em todo o mundo. Outrossim, busca-se a relação direta ou indireta do número de óbitos no Brasil, em decorrência da COVID-19, com a narrativa anticientífica de ódio do sujeito do discurso. Para a autora supracitada,

A análise de discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana. (ORLANDI, 2015, p. 15).

Orlandi (1999) traça um paralelo entre a Psicanálise e a AD, enquanto na primeira o inconsciente é materializado na linguagem, na segunda a ideologia é manifestada através da linguagem. Portanto, é possível construir teoricamente uma possibilidade de análise ideológica do sujeito. Neste sentido, é necessário entender a função do subjetivo para a construção discursiva do sujeito.

Para Orlandi (1999, p.11) um ponto fundamental da AD é entender que a ideologia é o que transforma o sujeito no que ele é. Isso acontece principalmente porque este se submete a linguagem, “[...] significando e significando-se pelo simbólico na história.” Pode-se dizer, que o sujeito só se torna sujeito, pois se submete à linguagem. Para a autora

supracitada, “[...] na Análise de Discurso considera-se que o discurso materializa a ideologia, constituindo-se no lugar teórico em que se pode observar a relação da língua com a ideologia.” (ORLANDI, 1999, p.11). Neste sentido, no âmbito dos discursos do sujeito analisados nesta pesquisa, fica clara uma ideologia popularmente conhecida como “bolsonarismo”, baseada no negacionismo científico, no autoritarismo e rejeição aos direitos humanos, fundamentalismo cristão, para citar algumas.

O bolsonarismo não é uma prática exclusivamente brasileira, é um fenômeno internacional que reage as mudanças das tradições, valores e costumes. É possível perceber a ascensão dessas práticas políticas em governos como: Viktor Orbán, assume o poder em 2010 na Hungria; Recep Tayyip Erdoğan, assume o poder em 2014 na Turquia; Rodrigo Duterte, assume o poder em 2016 nas Filipinas. Esses políticos se assemelham principalmente por práticas econômicas liberais com forte aspecto conservador (REIS, 2020). No campo social, o bolsonarismo reproduz *ipsis litteris* a cartilha utilizada por Steve Bannon na campanha de Donald Trump. Construindo um discurso engendrado nas práticas conservadoras e agindo de forma populista, fazendo seus eleitores acreditarem que tem total acesso ao Presidente (CESARINO, 2019).

3 FAKE NEWS, PÓS-VERDADE E DESMEDIATIZAÇÃO

Um dos principais pontos utilizados pela direita conservadora para sua ascensão e disseminação ideológica foi a utilização de artifícios escusos de construção simbólica de discursos que afirmam suas convicções, mas não possuem qualquer fundo de verdade. Essas manobras podem ser feitas pelas *fake news* ou utilizando a pós-verdade (TEITELBAUM, 2020).

Outro ponto é manter o discurso mais informal, sem qualquer possibilidade de mediação das mídias, colocando as grandes empresas midiáticas como seus inimigos, e elevando as mídias de redes sociais como seus principais veículos de comunicação com a população. A ideia é mostrar a todos que os discursos não são manipulados, sendo o que Han (2019) chama de desmediação.

Na CI pode-se relacionar esse movimento de manipulação de discursos pelo viés da mediação da informação e da competência em informação. Sob o primeiro aspecto tem-se uma relação de anticonceito, pois, entendendo que mediação da informação é:

Toda ação de interferência [...], direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; visando a apropriação de informação que satisfaça, parcialmente e de maneira momentânea, uma necessidade informacional, gerando conflitos e novas necessidades informacionais. (ALMEIDA JÚNIOR, 2015, p.25).

É possível entender que tanto as *fake news* quanto a pós-verdade funcionam como uma forma de antimediação da informação. Ambos os aspectos não podem ser considerados como processos legítimos que medeiam, pois ao assumir isso, legitima-se como caminhos possíveis de disseminação da mentira e desinformação. No conceito de Almeida Júnior (2015) não há nada que legitima as *fake news* e a pós-verdade como caminhos informacionais possíveis, pelo contrário, a mediação é um aspecto de diminuição das desigualdades e passível de se compreender como um conceito anti-hegemônico. Acerca da pós-verdade, Silva (2018) argumenta:

A pós-verdade se situa no esteio da deturpação do senso comum entre o sentido e o significado da realidade como modo de produzir efeitos para elucidação dos fatos, sem uma conexão direta e sistemática com as causas, procedimentos e finalidades desses fatos com a proposta de confundir os sentidos e significados através da afetação dos sujeitos por meio de ações maniqueístas. (SILVA, 2018, p.[4])

Aliás, pode-se afirmar que essas práticas são produtos da opressão, produtos da hegemonia neoliberal para controle da população. Uma construção narrativa que pretende o domínio da capacidade humana de compreensão da realidade e entendimento de mundo. O próprio entendimento do conceito de informação coloca a CI como refém dessas práticas, ainda mais a partir de um conceito de informação voltado para a cognição do sujeito.

Capurro e Hjørland (2007, p.191) interpretando Brookes (1977, 1980), Belkin (1978), Popper (1974) e Skagestad (1993), afirmam que: “Faz sentido considerar objetos informativos como signos [...] que para alguns assuntos [...] disparam algumas respostas [...] e, portanto, introduzem princípios teleológicos no mundo material [...]”.

Ou seja, apenas fazer sentido não pode ser considerado informação, pois dessa forma, permite-se que sejam criados subterfúgios discursivos que amparam a propagação de mentiras e calúnias, como o caso das *fake news* e da pós-verdade. Esses recursos são apropriadamente inteligíveis, mas seu contexto de produção e mensagem se amparam em informações mentirosas.

Pensar o processo informacional dessa maneira é uma forma de pensar também a apropriação da informação, que ganha um peso significativo ao se analisar a mensagem como um aspecto mais abrangente:

Nesse sentido, a apropriação é um processo no qual o sujeito “torna seu” um objeto do mundo, ajustando-o, moldando-o a si, atuando afirmativamente nos processos de negociação com os signos, com a cultura. Nesse processo, o objeto, material ou não, sofre um deslocamento espaço-temporal promovido pelo sujeito, que pode alterar ou confirmar o sentido dado pelo seu ambiente de origem, ou seja, pode ressignificar o

mundo que lhe chega, a partir de suas percepções, suas expectativas e seus interesses das e pelas atividades. Assim, na apropriação está implicada uma relação dialética, segundo a qual o sujeito, face ao objeto, desenvolve habilidades para construir suas representações do mundo, e por meio dessas construções simbólicas, o objeto adquire significados que expressam e produzem a subjetividade do sujeito. Dizendo de outro modo: ocorre um processo de construção de subjetividade na relação com o objeto e também uma produção de objetos a partir da subjetividade do sujeito. Apropriação seria, assim, “produção”, “construção”, negociação entre sujeito e objeto, sujeito e mundo. (BATISTA, 2018, p.229).

Como afirmam Capurro e Hjørland (2007, p.174): “A produção, distribuição e acesso à informação estão no centro da nova economia”. Portanto, mais do que nunca, a disseminação da informação é um assunto de interesse do Estado neoliberal como forma de controle e prática de produção de uma história única.

Nesse sentido, até a etapa de apropriação dessa informação o Estado quer tirar das pessoas. Han (2019) no primeiro capítulo, *Sem respeito*, do seu livro *No enxame: perspectivas do digital* coloca como é fundamental o distanciamento e hierarquização das relações para se entender o respeito e o poder. Para o autor, respeito é olhar para o outro, e portanto, uma relação simétrica e dialógica, diferentemente de poder. Mas, que respeito e poder caminham juntos, e, portanto, são fundamentais para a garantia da liberdade e do direito individual.

Um das propostas de Steve Bannon para o marketing de guerrilha utilizado pelos bolsonaristas está na:

[...] mobilização permanente através de conteúdos alarmistas e conspiratórios; espelho invertido do inimigo e devolução de acusações; e criação de um canal direto e exclusivo de comunicação entre a liderança e seu público através da deslegitimação de instâncias de produção de conhecimento autorizado na esfera pública (notadamente, a academia e a imprensa profissional) (CESARINO, 2019, p.533).

O controle dos meios de comunicação é um dos primeiros passos para o estado de exceção. O neoliberalismo não permite a construção de uma luta edificada com base no coletivo. É uma luta egóica e atomizada. Pessoas se juntam como em um enxame, em uma unidade onde não apresentam mais características próprias, porém sem o peso que um espírito fundamenta um discurso: “Os indivíduos que se juntam em um enxame não desenvolvem nenhum *Nós*” (HAN, 2019, p.27). A principal questão é que estão juntos, mas não são coerentes.

A construção dessa rede de informação produzida pelos meios de comunicação formais enfraquece o discurso desse enxame, que age de maneira obscura, suas formas de ação são autoritárias. Deslegitimam a mediação e a representação, pois são entendidas

como dificultadores do acesso à informação. Han (2019) compara o rádio e as mídias de redes sociais, onde o primeiro apenas emite a mensagem, em uma única via. Enquanto as redes sociais permitem uma desmediatização.

[...] Todos produzem e enviam informação. A desmediatização da comunicação faz com que jornalistas, esses antigos representantes elitistas, esses “fazedores de opinião” e mesmo *sacerdotes da opinião*, pareçam completamente superficiais e anacrônicos. A mídia digital dissolve toda classe sacerdotal. A desmediatização generalizada encerra a época da *representação*. Hoje, todos querem estar eles mesmos diretamente *presentes* e *apresentar* a sua opinião sem intermediários. A representação recua frente à *presença* ou à *copresença* (Kopräsentation). (HAN, 2019, p.37)

Essa relação não se dá apenas com o jornalismo e os meios de comunicação. Ela acontece também com a política. O enxame pede mais participação política e transparência dos políticos, contudo não possui uma voz, soa mais como um barulho (HAN, 2019).

Assim como faz Bolsonaro que cria uma forma de comunicação com a imprensa, e ao mesmo tempo, não deixa de ser uma comunicação direta com seus apoiadores, constituindo-se em uma declaração midiática, sem deixar que seus apoiadores sejam os validadores das declarações. O chamado “cercadinho” foi durante algum tempo um ponto de encontro entre Bolsonaro e a imprensa, com seus apoiadores como plateia. Colocado estrategicamente nos portões do Palácio da Alvorada, o tal funciona quase como um programa de televisão; Bolsonaro para com sua comitiva, recebe bênçãos, pedidos de selfies, pedidos de declaração de apoio a alguma ação e é filmado pela imprensa. Já que é tão popular e acessível, permite que alguns jornalistas façam perguntas, sendo suas respostas sempre acompanhadas da validação dos apoiadores, com ataques aos jornalistas. Tal conduta, inclusive, deixou sem relevância a função de porta-voz da Presidência da República, tradicionalmente usada por governos anteriores, e assim, por meio da Lei nº 14.074, de 14 de outubro de 2020 que recria o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações e o Ministério das Comunicações, o referido cargo foi extinto (BRASIL, 2020b).

Em 25 de maio de 2020, alguns veículos de imprensa, liderados pela Folha de S. Paulo e pelo grupo Globo, pararam de cobrir a entrada do Palácio da Alvorada, considerando o ambiente hostil aos seus colaboradores. A decisão acontece depois que Bolsonaro, ao passar pelo “cercadinho”, diz: “No dia que vocês tiverem compromisso com a verdade, eu falo com vocês de novo.” E seus seguidores entoaram: “Isso aí”. (CARVALHO, 2020, *on-line*).

O grupo Globo enviou uma carta pública ao Ministro-chefe do Gabinete de Segurança Institucional, Augusto Heleno, onde afirma:

[...] É público que o Senhor Presidente da República na saída, e muitas vezes no retorno ao Palácio, desce do carro e dá entrevistas bem como cumprimenta simpatizantes. Este fato fez vários meios de comunicação deslocarem para lá equipes de reportagem no intuito de fazer a cobertura.

Entretanto são muitos os insultos e os apupos que os nossos profissionais vêm sofrendo dia a dia por parte dos militantes que ali se encontram, sem qualquer segurança para o trabalho jornalístico.

[...]

Assim informamos por meio desta que a partir de hoje nossos repórteres, que têm como incumbência cobrir o Palácio da Alvorada, não mais comparecerão àquele local na parte externa destinada à imprensa. (FALTA..., 2020, *on-line*).

Nesse sentido, a Constituição Federal prevê no artigo 220: “A manifestação do pensamento, a criação, a expressão e a informação, sob qualquer forma, processo ou veículo não sofrerão qualquer restrição, observado o disposto nesta constituição” e continua: “§ 2º É vedada toda e qualquer censura de natureza política, ideológica e artística.” (BRASIL, 2022a). Bolsonaro não apenas coíbe a manifestação livre do jornalismo, mas tenta esconder os fios soltos da sua gestão.

A política como agir estratégico carece de um poder de informação, a saber, de uma soberania sobre produção e a distribuição de informação. Por isso ela não pode abdicar daqueles espaços fechados nos quais informações são conscientemente retidas. A confiabilidade pertence necessariamente à comunicação política, ou seja, estratégica. Se tudo se tornar imediatamente público, a política se torna, desse modo, inevitavelmente de pouco fôlego, de curto prazo, e se dilui em enrolação (*Geschwätzigkeit*). A transparência total força a comunicação política a uma temporalidade que torna impossível um planejamento lento e de longo prazo. Não é mais possível deixar que as coisas *amadureçam*. O futuro não é a temporalidade da transparência. A transparência é dominada pela presença e pelo presente. (HAN, 2019, p.39-40).

O entendimento que a representação é manipulação e mentira permitiu a consolidação das *fake news* como um aliado político. O Brasil teve um aumento no número de usuários de internet, principalmente depois da popularização dos *smartphones*. Enquanto o rádio e a televisão eram meios de comunicação coletivos, o *smartphone* é na maioria dos casos de uso individual. Para a troca da estação de rádio ou a escolha do jornal a ser acompanhado, era preciso um acordo pelas famílias interessadas na programação. Hoje, a busca por uma narrativa que seja verossímil é uma jornada solitária, que não depende mais da validação de ninguém.

No entanto, a ação que parecia ser tão democrática se mostrou um jogo imbricado de criação de indicadores de uso e consumo de informação, que depois são vendidos para

agências de propaganda e marketing que despejam de volta ao consumidor uma nova e selecionada quantidade de notícias, propagandas, perfis, músicas e filmes.

As dinâmicas do mercado da informação mudaram drasticamente. Não é apenas a produção que está em disputa, a divulgação também foi afetada por esse dinamismo, que é capaz de gerar ondas de indignação (HAN, 2019), assim como, outras formas de afinidade com discursos não-democráticos:

[...] Entre eles estão a perda de confiança na imprensa e, com isso, no conjunto de normas ético-profissionais do jornalismo; a polarização política, que abriu brechas para que boatos, manchetes sensacionalistas e performances políticas polêmicas dominassem a nossa atenção; e a dificuldade de consumo de informações no seu contexto adequado. Na prática, essas afinidades deram espaço também a novos atores que maliciosamente passaram a poder manipular essas vulnerabilidades do debate democrático intermediado pela internet. (CRUZ, 2019, p.30).

Dessa forma, é possível perceber que durante a pandemia, o discurso político por trás das afirmações dadas por Jair Bolsonaro está repleto de mensagens para os colaboradores do pensamento anticientífico propagado por ele. Se é possível considerar a pandemia de 2020, como algo parecido com um estado de guerra, a informação foi sua principal arma.

4 DISCUSSÃO

Antes de qualquer caso confirmado no Brasil, em 26 de janeiro de 2020, enquanto o presidente Bolsonaro participava de compromisso oficial em Nova Délhi, Índia, a China havia confirmado 56 pessoas mortas e 1.975 infectadas no dia anterior (25/01/2020). Também circulavam notícias de agências internacionais de que o vírus já havia chegado em países como Estados Unidos, Tailândia, Austrália, Canadá, França, ou seja, o cenário que se desenhava não era de tranquilidade, com a maioria dos governos mundiais mostrando preocupação com o futuro próximo. Tanto que no dia 28 de janeiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) mudou a classificação de risco internacional de contaminação, do moderado para elevado (FALTA..., 2020; FELIX, VARGAS, 2020; NÚMERO..., 2020; OMS..., 2020; RABIN, 2020).

Em Nova Délhi, na primeira declaração pública do presidente Bolsonaro sobre o coronavírus, em 26 de janeiro de 2020, afirma: *“Estamos preocupados, obviamente, mas não é uma situação alarmante. Não existe nenhum caso confirmado no Brasil [...] Estamos nos preparando para que, se tivermos (contágio) no Brasil, que seja atenuado.”* Três palavras chamam a atenção na afirmação: “mas”, “não” e “se”. A primeira, uma conjunção adversativa que acentua a oposição, transmitindo uma noção de oposição ou limitação, a

segunda, um advérbio de negação e a terceira palavra, uma conjunção adversativa condicional que indica um valor de circunstância de condição (BECHARA, 2009). Apesar de mencionar preocupação na declaração, logo em seguida coloca uma limitação, margeando uma negação (“mas não”), em uma crise de saúde mundial que, apesar de estar começando, já mobilizava diversos governos seja com medidas preventivas, seja com incentivos para pesquisas.

O sentido de negação é reforçado quando se minimiza o que está por vir - algo grave e complexo ao que tudo indicava - afirmando que não era “uma situação alarmante”. No mês de março de 2020, o discurso revela a negação quanto à gravidade da situação, quando se menciona: “*Depois da facada, não vai ser uma gripezinha que vai me derrubar.*” Em live, no dia 26 de novembro do mesmo ano, houve negação do que foi dito, ao menos em duas ocasiões, no mês de março, acerca da gravidade da crise sanitária (BBC NEWS, 2020b; ISTO É, 2020). Ou seja, um discurso negacionista para minimizar a crise, e ao não assumir o que foi dito.

Quando afirma que “*não existe caso confirmado*”, não deixa claro se pode ter existido algum caso suspeito no Brasil, o que poderia demonstrar descaso diante de uma situação grave. Até porque o vírus já havia chegado no continente americano, pois no dia 21 de janeiro de 2020, os Estados Unidos já haviam confirmado seu primeiro caso de infectado pelo novo coronavírus (RABIN, 2020; SANTIRSO, SANDOVAL, 2020).

A ausência de um planejamento para o enfrentamento da pandemia no Brasil já pode ser percebida desde então, onde o evasivo permeia uma condicionalidade de contágio para atenuar uma iminente crise sanitária no planeta, dada gravidade e desconhecimento diante do novo vírus e da doença. No dia 28 de janeiro de 2020 já eram 4.515 casos de COVID-19 e 106 mortos na China (REUTERS, 2020). Dois dias antes, a declaração dada pelo presidente brasileiro não deixa claro de que forma o governo estava se preparando, além disso, ao dizer “*se tivermos (contágio) no Brasil*” o discurso parece ser de improbabilidade de isso acontecer. Ressalta-se, contudo, que até o dia 31 de dezembro de 2020, no Brasil os registros indicam um acúmulo de 7.681.032 pessoas infectadas, e 195.072 óbitos acumulados (GEOCOVID, 2022).

Assim, a fim de uma melhor compreensão da narrativa discursiva do presidente Jair Bolsonaro sobre a pandemia, no ano de 2020, o *quadro 1 - Dimensões de Análise do Discurso de Jair Bolsonaro* mostra as dimensões de análise formuladas pelos autores, a partir das declarações presidenciais emitidas sobre a crise sanitária. Foram analisados 98 trechos de discursos realizados ao longo de 64 dias, durante os meses de janeiro a

dezembro de 2020. Faz-se necessário salientar que alguns discursos se encontram em mais de uma dimensão de análise, entretanto, para fins desta análise, a cada trecho de discurso é atribuída apenas uma dimensão, para fins de exemplificação e relação entre o discurso e a dimensão em que foi incluída. Outrossim, é relevante informar que as dimensões foram juntadas pela quantidade de vezes em que aparecem nos discursos, conforme segue:

Quadro 1 - Dimensões de Análise do Discurso de Jair Bolsonaro

DIMENSÕES DE ANÁLISE	QUANTIDADE DE VEZES EM QUE APARECE NOS DISCURSOS	TRECHO DO DISCURSO PARA EXEMPLO DA DIMENSÃO DE ANÁLISE
INFORMAÇÃO FALSA/ DESINFORMAÇÃO	36	"Eu acho que não vai chegar a esse ponto [a situação dos Estados Unidos]. Até porque o brasileiro tem que ser estudado. Ele não pega nada. Você vê o cara pulando em esgoto ali, sai, mergulha, tá certo? E não acontece nada com ele. Eu acho até que muita gente já foi infectada no Brasil, há poucas semanas ou meses, e ele já tem anticorpos que ajuda a não proliferar isso daí [...]" (26 de março de 2020)
ANTICIÊNCIA	25	"Eu não posso falar como cidadão uma coisa e como presidente outra. Mas como eu nunca fugi da verdade, eu te digo: eu não vou tomar vacina. E ponto final. Se alguém acha que a minha vida está em risco, o problema é meu. E ponto final." (15 de dezembro de 2020)
NEGLIGÊNCIA	21	"Toma quem quiser, quem não quiser, não toma. Quem é de direita toma cloroquina. Quem é de esquerda toma Tubafina." (19 de maio de 2020)
IRONIA/CINISMO DEMAGOGIA NEGACIONISMO	20	"Pergunta pro vírus" (sobre uma possível extensão do auxílio emergencial) (24 de novembro de 2020) - Ironia/cinismo "Eu, como chefe do Executivo, o líder maior da nação brasileira, tenho que estar na frente, junto com o meu povo. Não se surpreenda se você me ver, nos próximos dias, entrando no metrô lotado, em São Paulo, entrando numa barcaça, na travessia Rio-Niterói, em horário de pico, ou dentro de um ônibus em Belo Horizonte. Isso, longe de demagogia ou populismo. É uma demonstração que eu estou ao lado do povo na alegria e na tristeza, para comemorar alguma coisa ou para chorar outra. É o exemplo que eu sempre dei, na minha vida, enquanto soldado do Exército Brasileiro. Inclusive eu cheguei aqui era por volta de meio dia, já comprovadamente que eu não tinha

		<p>problemas e tudo correu na normalidade.” (19 de março de 2020) - Demagogia</p> <p>“Tem a questão do coronavírus também que, no meu entender, está superdimensionado, o poder destruidor desse vírus” (09 de março de 2020) - Negacionismo</p>
ATAQUE À IMPRENSA OMISSÃO	15	<p>“Tudo agora é pandemia, tem que acabar com esse negócio. Lamento os mortos, lamento. Todos nós vamos morrer um dia, aqui todo mundo vai morrer. Não adianta fugir disso, fugir da realidade. Tem que deixar de ser um país de maricas. Olha que prato cheio para a imprensa. Prato cheio para a urubuzada que está ali atrás” (11 de novembro de 2020) - Ataque à imprensa</p> <p>“Tem uma aeronave C-130 para trazer eles [Brasileiros na China] para cá? Não.” (06 de fevereiro de 2020) - Omissão</p>
IMPRUDÊNCIA	11	<p>"Participem e cobrem de todos nós o melhor para o Brasil" - sobre manifestação (incentivando aglomeração) no dia 15 de março de 2020. (07 de março de 2020)</p>
MINIMIZAÇÃO E NATURALIZAÇÃO DA PANDEMIA EGOCENTRISMO	8	<p>“Nossa vida tem que continuar. Os empregos devem ser mantidos [...]” No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho, como bem disse aquele conhecido médico daquela conhecida televisão [...]” (24 de março de 2022) - Naturalização da pandemia Egocentrismo</p> <p>“Nosso time está ganhando de goleada. Duvido que quem vier me suceder um dia – acho muito difícil – consiga montar uma equipe como eu montei. E tive a coragem de não aceitar pressões de quem quer que seja. Então, se o time está ganhando, vamos fazer justiça, vamos elogiar seu técnico, e o seu técnico chama-se Jair Bolsonaro” (18 de março de 2020) - Egocentrismo</p>
TERRORISMO PSICOLÓGICO POLITIZAÇÃO DA VACINA	6	<p>"Temos que tomar medidas equilibradas, (e não medidas) que cada vez mais levam pânico. Se vocês acompanharem o que está acontecendo com o povo, em especial o mais pobre... Daqui a pouco vamos ter problema de saque, outros problemas vão aparecer no Brasil” (20 de março 2020) - Terrorismo psicológico</p>

		<p>“Parece que a eficácia da vacina de São Paulo está lá embaixo. Não vou divulgar percentual aqui, porque se eu errar 0,001%, eu vou apanhar da imprensa. Mas parece que a eficácia está lá embaixo, em relação à outra [vacina]” (24 de dezembro de 2020) - Politização da vacina</p>
CONTRADIÇÃO	5	<p>“Um órgão de imprensa grande me acusou de ser o responsável por 100 mil mortes. Não tem cabimento. Tomamos medidas concretas para se preparar, antever, prevenir, porque a gente sabia que viria, viria [o vírus]” (13 agosto de 2020)</p>
INTERVENÇÃO POLÍTICA	4	<p>“Ação dos governadores é um crime e ficar em casa é atitude de covarde.” (25 de março de 2020)</p>
HOMOFOBIA IMPERÍCIA	3	<p>"Na Pfizer, está bem claro no contrato: 'nós não nos responsabilizamos por qualquer efeito colateral'. Se você virar um jacaré, é problema de você. Não vou falar outro bicho aqui para não falar besteira. Se você virar o super-homem, se nascer barba em alguma mulher aí ou um homem começar a falar fino, eles não têm nada a ver com isso." (17 de dezembro de 2020) - Homofobia</p> <p>“Não estou estimulando, mas estou orientando procurar um médico e ver o que ele acha [sobre a hidroxicloroquina]. Não tem outra alternativa” (16 de julho de 2020) - Imperícia</p>
AUTORITARISMO NEGAÇÃO DE RESPONSABILIDADE PELAS MORTES XENOFOBIA	2	<p>“ [...] Mas como eu nunca fugi da verdade, eu te digo: eu não vou tomar vacina. E ponto final. Se alguém acha que a minha vida está em risco, o problema é meu. E ponto final.” (15 de dezembro de 2020) - Autoritarismo</p> <p>“Pessoal, se fala muito da vacina da Covid-19. Nós entramos naquele consórcio lá de Oxford. Pelo que tudo indica, vai dar certo e 100 milhões de unidades chegarão para nós. Não é daquele outro país não, tá ok, pessoal? É da Oxford, aí” (30 de julho de 2020) - Xenofobia</p> <p>“O STF determinou que as ações diretas em relação ao covid-19 são de responsabilidade de estados e municípios.” (19 de junho de 2020) - Negação de responsabilidade pelas mortes</p>
RELATIVISMO VITIMISMO ESTADO MÍNIMO RELIGIOSIDADE	1	<p>“Não fiquei preocupado em ter contato com as pessoas no Palácio do Planalto porque tomo minhas preocupações. É o povo. Sou o presidente da República e estive do lado deles. Muitos pegarão isso independente do cuidado que tomem.” (15 de março de 2020) - Relativismo</p>

<p>DESCONSIDERAÇÃO/DESRESPEITO DESMEDIATIZAÇÃO</p>		<p>“O que está em jogo? É uma disputa política por parte desses caras, eu estou sozinho em um canto, apanhando de todo mundo. Grande parte da mídia, não são todos, muitos governadores, os chefes do Poder Legislativo, que é o da Câmara e o do Senado, batendo o tempo todo, é uma luta de poder.” (15 de março de 2020) - Vitimismo</p> <p>“O brasileiro tem que aprender a cuidar dele mesmo, pô.” (26 de março de 2020) - Estado Mínimo</p> <p>“Paz, tranquilidade. Para quem tem fé, papai do céu está conosco. Acredito em Deus. De acordo com a decisão aqui de evangélicos e católicos, eles têm pedido para mim para que a gente possa marcar um dia de um jejum de todo o povo brasileiro para a gente ficar livre deste mal [coronavírus] o mais rápido possível” (02 de abril de 2020) - Religiosidade</p> <p>“Pelo que parece teve uma família [brasileira] na região onde o vírus tá atuando [na China]. Não seria oportuno retirar de lá, com todo o respeito, mas o contrário.” (28 de janeiro de 2020) - Desrespeito/desconsideração</p> <p>“Acabou Matéria no Jornal Nacional” (05 de junho de 2020) - Desmediatização</p>
--	--	---

Fonte: elaborado pelos autores (2022).

Diante da sistematização dos principais discursos do presidente em 2020, e analisados mês a mês, o quadro exposto aponta que a dimensão informação falsa/desinformação é acentuada. Para a construção dessa categoria foram considerados discursos que trouxessem características que determinam o discurso como manipulado para parecer verdadeiro, mas com informações e dados falsos. Optou-se por *notícia falsa*, ao invés do conceito *fake news*, para priorizar o conteúdo da informação em si, não caindo na concepção teórica por trás do conceito. Assim como foi opção dos autores juntar categoria *notícia falsa* com *desinformação*, já que ambas possuem a mesma origem na manipulação da verdade, bem como a mesma função de enganar. Desinformação é a estratégia, e notícia falsa, ou *fake news*, é a forma de alcançar esse objetivo.

A anticiência é um dos pilares que constituem o pensamento Tradicionalista, sistema de pensamento político e filosófico que se fundamenta em uma fuga da tradição Moderna. Com base nos pensamentos de Edmund Burke (1729-1797) e revividas por René Guénon (1886-1951), astrólogo e ocultista francês. O Tradicionalismo ganhou bastante espaço nos últimos anos devido a duas figuras centrais: Steve Bannon e Olavo de

Carvalho. O primeiro foi o mentor da campanha de Donald Trump, enquanto o segundo fez as vezes na campanha de Jair Bolsonaro. Essa fuga da modernidade está diretamente ligada ao recuo da religião, da razão acima da fé. Do progresso desenfreado, da construção de sociedades ao invés da criação orgânica dessas. A anticiência entra como um discurso de manipulação em prol da verdadeira fé (TEITELBAUM, 2020).

Outros marcadores de discurso, como: xenofobia, politização da vacina, desmediatização, também estão atrelados à construção dessas práticas, não sendo tão evidentes em uma primeira leitura ou análise. Práticas que estão ligadas a questões mais implícitas dentro de um comportamento específico.

Por outro lado, algumas categorizações são mais explícitas. Como por exemplo, "demagogia" que pode ser entendida como uma prática que vai de encontro ao desejo de quem anseia pelas palavras, que no exemplo utilizado foi colocada pelo presidente ao lado de "populismo". Populismo muitas vezes é utilizado como um termo ofensivo que denuncia a demagogia. O conceito carrega a ideia de manipulação de classes, como se a população fosse acrítica e sem percepção da realidade. Negro (2004, p.23), defende que demagogia é diferente do populismo exatamente por estar lidando com questões hegemônicas de manipulação e manutenção das classes. Sendo assim, a demagogia estaria em "[...] um campo de relações em que classes sociais distintas constroem, compartilham e disputam ideologias, valores, crenças, práticas e espaços, comuns ou contíguos." Entendendo, portanto, que a demagogia de fato procura a mudança ou manutenção do *status quo* através de uma fala mentirosa que se alinha com o desejo da população.

No entanto, em muitos dos discursos não é possível entender a natureza da motivação. Mesmo quando é traçado alguns pressupostos como o Tradicionalismo. Não é possível entender se é uma prática proposital baseada em um pensamento crítico, ou apenas um comportamento inconsequente que levou muitas pessoas à morte. A maior dificuldade em fazer uma análise como a proposta reside no fato de não ter um distanciamento temporal necessário para entender a motivação real. Sendo assim, sugere-se que pesquisas futuras sejam feitas para traçar a continuidade da análise dos discursos nos anos subsequentes a 2020, primeiro ano da pandemia, e sem um contexto vacinal. Tais pesquisas poderão se valer da produção de documentos oficiais já produzidos no contexto da pandemia (BRASIL, 2022b), e inclusive comparados com documentos coletados por uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) que foi aberta pelo Senado Federal com o escopo de investigar casos de ações e omissões do governo federal no enfrentamento da pandemia (SENADO FEDERAL, 2021).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No dia 11 de junho de 2021, Maria Clara Gama, então com 27 anos, esperava Jair Bolsonaro e sua comitiva, na primeira visita ao estado do Espírito Santo. Com uma camiseta preta em homenagem ao Sistema Único de Saúde (SUS) e um cartaz escrito: “Bem vindo. 500.000”. A manifestante se manteve quieta em todo o momento da espera da comitiva presidencial, mesmo quando foi atacada com xingamentos pelos apoiadores do presidente. Aos gritos de: piranha, cachorra e vagabunda. Teve seu cartaz arrancado de suas mãos, que foi devolvido rasgado por um jornalista que cobria a situação. A jovem disse:

[...] Estou respeitando o distanciamento social desde o início da pandemia, fazendo tudo o que posso. Vejo essas coisas acontecendo e parece que não é realidade. E eu não posso fazer nada [...] Sinto que morri também, não estou mais viva. Meu corpo está vivo, mas minha alma morreu junto com as pessoas. Todo mundo fala que um dia isso vai acabar, que vamos voltar à vida normal. Mas a gente nunca vai deixar de ser alguém que viu essa barbárie, essa indiferença com a vida. Nunca vamos voltar ao estado de antes. Vamos viver o resto das nossas vidas marcados por isso. [...] (MATHIAS, 2021, *on-line*).

Marcada por essa mesma sensação de Maria Clara, Janina Dusheiko personagem principal do livro “Sobre os ossos dos mortos” de Olga Tokarczuk, reflete sobre suas dores:

[...] Tem que doer, do mesmo jeito que um rio precisa fluir, e a chama queimar. Ela me lembra, cruel, que sou composta de partículas de matéria que morrem a cada segundo. Alguém consegue se acostumar com isso? Aprender a viver com isso assim como as pessoas que vivem na cidade de Oświęcim (que abrigou Auschwitz) ou Hiroshima sem pensar jamais no que aconteceu lá no passado. Elas simplesmente vivem suas vidas. (TOKARCZUK, 2019, p. 65).

No dia 25 de março de 2022, dia do fechamento deste artigo, mais de seis milhões de pessoas (6.112.512) morreram no mundo em decorrência da COVID-19 (JOHNS HOPKINS, 2022), sendo 658.600, no Brasil (GEOCOVID, 2022). Jair Bolsonaro não foi responsabilizado por suas manifestações contrárias à segurança das pessoas durante a pandemia, e muitas pessoas vivem sobre os ossos dos mortos, como se fossem normais, todas as mortes que ocorreram de lá para cá.

REFERÊNCIAS

ABRUCIO, Fernando Luiz *et al.* Combate à COVID-19 sob o federalismo bolsonarista: um caso de descoordenação intergovernamental. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 54, n. 4, p. 663-677, jul./ago. 2020. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rap/a/bpdbc9zSGCKZK55L3ChjVqJ/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: 23 maio 2022.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Mediação da informação: um conceito atualizado. In: BORTOLIN, Sueli; SANTOS NETO, João Arlindo dos; SILVA, Rovilson José da (org.). **Mediação oral da informação e da leitura**. Londrina: ABECIN, 2015. p.9-32.

AOS FATOS. **Quem somos**. Rio de Janeiro: Aos Fatos, 2022. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/quem-somos/>. Acesso em: 16 mar. 2022.

BATISTA, Carmen Lúcia. Os conceitos de apropriação: contribuições à Ciência da Informação. **Em questão**, Porto Alegre, v. 24, n.2, p.210-234, maio/ago. 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/74317/47702>. Acesso em: 10 jan. 2022.

BBC NEWS. **Coronavírus: Após apelo, governo anuncia repatriação e quarentena de brasileiros de Wuhan**. [S.l.], 02 fev. 2020a. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51351777>. Acesso em: 05 mar. 2020.

BBC NEWS. **2 momentos em que Bolsonaro chamou covid-19 de 'gripezinha', o que agora nega**. [S.l.], 27 nov. 2020b. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55107536>. Acesso em: 05 mar. 2022.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira: Editora Lucerna, 2009. 574 p.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, [2022a]. Disponível em: https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_14.12.2017/ind.asp. Acesso em: 24 maio 2022.

BRASIL. Lei nº 14.074, de 14 de outubro de 2020. Altera a Lei nº 13.844, de 18 de junho de 2019, para criar o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações e o Ministério das Comunicações. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**: seção 1, Brasília, DF, n. 198, p. 4-5, 15 de outubro de 2020. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-14.074-de-14-de-outubro-de-2020-282699172>. Acesso em: 02 mar. 2022. [BRASIL, 2020b]

BRASIL. Ministério da Saúde. **Brasil confirma primeiro caso da doença**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2020. Disponível em: <https://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/46435-brasil-confirma-primeiro-caso-de-novo-coronavirus>. Acesso em: 14 mar. 2022. [BRASIL, 2020a]

BRASIL. Presidência da República. **Legislação COVID-19** [atualização diária]. Brasília, DF: Presidência da República, 2022b. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Portaria/quadro_portaria.htm. Acesso em: 24 maio 2022.

CAPURRO, Rafael; HJORLAND, Birger. O conceito de informação. **Perspect. Ciênc. Inf.**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p.148-207, abr. 2007. Disponível em:

<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/54/47>. Acesso em: 15 de jan. 2022.

CARVALHO, Daniel. Apoiadores de Bolsonaro hostilizam jornalistas após nova crítica do presidente à imprensa. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 20 maio de 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/05/apoiadores-de-bolsonaro-hostilizam-jornalistas-apos-nova-critica-do-presidente-a-imprensa.shtml>. Acesso em: 02 mar. 2022.

CESARINO, Letícia. Identidade e representação no bolsonarismo: corpo digital do rei, bivalência conservadorismo-neoliberalismo e pessoa fractal. **Revista de Antropologia**, v. 62 n. 3, p.530-557, dez. 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/165232>. Acesso em: 23 maio 2022.

CRUZ, Francisco Brito. Fake news definem uma eleição? In: BARBOSA, Mariana (Org.). **Pós-verdade e fake news: reflexões sobre a guerra de narrativas**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. P. 25-36.

FALTA de segurança faz jornalistas do Grupo Globo deixarem plantão no Alvorada. **G1**, [S.l.], 25 de maio de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/25/falta-de-seguranca-faz-jornalistas-do-grupo-globo-deixarem-plantao-no-alvorada.ghtml>. Acesso em: 02 mar. 2022.

FELIX, Paula; VARGAS, Mateus. **OMS admite erro e eleva risco global de coronavírus; mortes chegam a 106**. São Paulo: O Estado de São Paulo, 2020. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,oms-diz-que-cometeu-erro-e-classifica-como-elevado-risco-internacional-do-coronavirus,70003174716>. Acesso em: 16 de mar. 2022.

GEOCOVID. **[Óbitos e casos acumulados até 05 de março de 2022]**. Disponível em: <https://portalcovid19.uefs.br/cases>. Acesso em: 05 mar. 2022.

HAN, Byung-Chul. **No enxame: perspectivas de digital**. Petrópolis: Vozes, 2019. 134p.

ISTO É. **Bolsonaro mente em live e diz que nunca chamou Covid-19 de 'gripezinha'**. [S.l.], 27 nov. 2020. Disponível em: <https://istoe.com.br/bolsonaro-mente-em-live-e-diz-que-nunca-chamou-covid-19-de-gripezinha/>. Acesso em: 05 mar. 2020.

JOHNS HOPKINS. **Global death**. United States: Johns Hopkins University & Medicine, 2022. Disponível em: <https://coronavirus.jhu.edu/>. Acesso em: 15 mar. 2022.

MATHIAS, Lucas. **'Sabia do risco de levar até porrada', diz jovem ofendida por bolsonaristas no Espírito Santo**. [S.l.]: O Globo, 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/epoca/brasil/sabia-do-risco-de-levar-ate-porrada-diz-jovem-ofendida-por-bolsonaristas-no-es-25057313>. Acesso em: 15 mar. 2022.

NEGRO, Antonio Luigi. Paternalismo, populismo e história social. In: **Cadernos AEL**, v. 11, n. 20/21, 2004, p.9-37. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/24672>. Acesso em: 25 fev. 2022.

NÚMERO de mortos por coronavírus na China chega a 106. **G1**, [S.l.], 27 jan. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2020/01/27/oms->

[corrige-e-eleva-a-avaliacao-de-risco-internacional-do-coronavirus.ghtml](#). Acesso em: 02 mar. 2022.

OMS corrige e eleva a avaliação de risco internacional do coronavírus. **G1**, [S.l.], 27 jan. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2020/01/27/oms-corrige-e-eleva-a-avaliacao-de-risco-internacional-do-coronavirus.ghtml>. Acesso em: 02 mar. 2022.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Naming the coronavirus disease (COVID-19) and the virus that causes it**. 2022. Disponível em: [https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/technical-guidance/naming-the-coronavirus-disease-\(covid-2019\)-and-the-virus-that-causes-it](https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/technical-guidance/naming-the-coronavirus-disease-(covid-2019)-and-the-virus-that-causes-it). Acesso em: 14 mar. 2022.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE (OPAS). **Histórico da pandemia de COVID-19**. 2022. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875. Acesso em: 07 mar. 2020.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise de discurso: conversa com Eni Orlandi. [Entrevista cedida a] Raquel Goulart Barreto. **Teias**, Rio de Janeiro, ano 7, n. 13-14, jan/dez 2006. Disponível em: <https://www.icict.fiocruz.br/sites/www.icict.fiocruz.br/files/Analise%20do%20Discurso%20-%20Eni%20Orlandi.pdf>. Acesso em: 09 ago. 2021.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios & procedimentos**. 12. ed. Campinas, SP: Pontes, 2015. 98 p.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Do sujeito na história e no simbólico. **Escritos - Laboratório de estudos urbanos**, Campinas, n.4, 1999. Disponível em: <https://www.labeurb.unicamp.br/portal/pages/pdf/escritos/Escritos4.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2022.

RABIN, Roni Caryn. First Patient With Wuhan Coronavirus Is Identified in the U.S. **The New York Times**. New York, 21 jan. 2020. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2020/01/21/health/cdc-coronavirus.html?searchResultPosition=68>. Acesso em: 02 mar. 2022

REIS, Daniel Aarão. Notas para a compreensão do Bolsonarismo. **Estudos Ibero-Americanos**, v. 46, n. 1, p.1-11, abr. 2020. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/iberoamericana/article/view/36709>. Acesso em: 23 maio 2022.

REUTERS. **COVID-19 Global Tracker** [atualização de 01 mar. 2022]. Disponível em: <https://graphics.reuters.com/world-coronavirus-tracker-and-maps/pt/>. Acesso em: 01 mar. 2022.

REUTERS. **Número de mortos por coronavírus na China sobe para 106; casos confirmados chegam a 4.515**. [S.l.], 28 jan. 2020. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/china-saude-coronavirus-numero-idLTAKBN1ZR14F>. Acesso em: 05 mar. 2022.

SANTIRSO, Jaime; SANDOVAL, Pablo Ximénez. **Identificado o primeiro infectado nos EUA pelo coronavírus de Wuhan**, [S.l.]: El País, 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-01-21/identificado-o-primeiro-infectado-nos-eua-pelo-coronavirus-de-wuhan.html>. Acesso em: 08 mar. 2022.

SENADO FEDERAL (Brasil). **Atividade legislativa**: CPI da pandemia. Brasília, DF: Senado Federal, 2021. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/comissoes/mnas?codcol=2441&tp=4>. Acesso em: 24 maio 2022.

SILVA, Alessandra Rodrigues; BAPTISTA, Dulce Maria. Abordagens de análise de discurso na Ciência da Informação: panorama dos estudos brasileiros. **Inf. & Soc.: Est.**, João Pessoa, v. 25, n. 2, p. 89-103, maio/ago. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/89/13747>. Acesso em: 05 mar. 2022.

SILVA, Danillo da Conceição Pereira. Embates semiótico-discursivos em redes digitais bolsonaristas: populismo, negacionismo e ditadura. **Trab. Ling. Aplic.**, Campinas, v.59, n.2, p. 1171-1195, maio/ago. 2020. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8658484/22867>. Acesso em: 23 maio 2022.

SILVA, Jonathas Luiz Carvalho. Pós-verdade e informação: múltiplas concepções e configurações. **Tendências da Pesquisa Brasileira e Ciência da Informação**, ANCIB, v. 11, n. 2, p.1-22, dez. 2018. Disponível em: <https://revistas.ancib.org/index.php/tpbci/article/view/474/456>. Acesso em: 02 mar. 2022.

TEITELBAUM, Benjamin R. **Guerra pela eternidade**: o retorno do Tradicionalismo e a ascensão da direita populista. Campinas: Editora da Unicamp, 2020. 285 p.

TOKARCZUK, Olga. **Sobre os ossos dos mortos**. São Paulo: Todavia, 2019. 253 p.